

Representações temáticas e discursos ideológicos nas capas dos livros indígenas infantis

Thematic Representations and Ideological Discourses in Indigenous Children's Book Covers

Francinaldo Freitas Leite
Francisco Edviges Albuquerque
Andrea Martins Lameirão Mateus
Universidade Federal do Norte do Tocantins
Araguaína-Brasil

Resumo

As capas dos livros infantis desempenham um papel de relevância central na composição narrativa. A interpretação de um texto é uma experiência pessoal e individual, moldada pelas condições sociais, culturais, históricas, afetivas e ideológicas. Este estudo tem como objetivo analisar e discutir as representações temáticas e inferências ideológicas nas imagens das capas de livros infantis. Foram selecionados os livros: "Tulu, em Busca de um Lugar para viver", "Contos da Floresta" e "Kabá Darebu". As capas foram analisadas e discutidas a partir dos pressupostos da Representação Temática e da Análise de Discurso. A partir da capa de um livro, pode-se constatar diferentes significados nos discursos. As exigências das editoras por adequações ao mercado influenciam o processo criativo e as condições da produção. Mesmo assim, os processos ideológicos se manifestam linguisticamente.

Palavras-chave: Capa de livros; Representação Temática; Análise de Discurso.

Abstract

The covers of children's books play a central role in narrative composition. The interpretation of a text is a personal and individual experience shaped by social, cultural, historical, emotional, and ideological conditions. This study aims to analyze and discuss thematic representations and ideological inferences in the images on the covers of children's books. The selected books for analysis are "Tulu, in Search of a Place to Live," "Tales from the Forest," and "Kabá Darebu." The covers were examined and discussed based on the assumptions of Thematic Representation and Discourse Analysis. From a book cover, different meanings in discourses can be observed. Publisher demands for market suitability influence the creative process and production conditions. Nevertheless, ideological processes are linguistically manifested.

Keywords: Book covers; Thematic Representation; Discourse Analysis.

Introdução

As manifestações visuais não apenas complementam, mas também enriquecem de forma substancial a narrativa, proporcionando uma riqueza de significados e representações que possuem a capacidade tanto de corroborar as mensagens intrínsecas ao texto escrito quanto de introduzir elementos de deslocamento que ampliam a diversidade de interpretações possíveis.

Dessa maneira, pode-se constatar que as capas dos livros infantis desempenham um papel de relevância central na composição narrativa, particularmente no contexto da literatura destinada ao público indígena. Conforme observado por Simm e Bonin (2011), é notório que muitas obras contemporâneas estabelecem uma íntima relação entre o componente textual e as representações visuais, a ponto de se argumentar que a trama narrativa em si perderia sua integridade conceitual na ausência das ilustrações correspondentes. De maneira ainda mais substancial, em certos volumes literários, as imagens não se limitam meramente a ilustrar as sequências narrativas, mas, ao contrário, assumem um papel ativo na construção da narrativa, de tal maneira que se tornam elementos constituintes da própria tessitura narrativa.

Este estudo tem como objetivo realizar uma análise aprofundada do tratamento temático das imagens nas capas de livros infantis indígenas que retratam a vida nas aldeias contemporâneas. Para isso, utiliza-se uma abordagem documental, examinando os materiais disponíveis em plataformas de venda online.

A fim de aprimorar nossa análise e garantir uma abordagem interdisciplinar, adotamos também a perspectiva metodológica da Análise de Discurso. Essa abordagem vai além da visão da língua como um sistema estruturado e reconhece a importância da materialidade do discurso, que está impregnado de ideologias e influências sociais, culturais e históricas.

Para análise do discurso apresentado nas capas dos livros infantis e indígenas, este estudo fundamenta-se nos pressupostos de Michel Pêcheux, que afirma que cada indivíduo carrega uma "marca ideológica" resultante da sua socialização nas diversas "relações sociais. Nesse contexto, as redes de significados são construídas no âmbito do discurso, por meio de associações e conexões. Isso ocorre porque os aparatos do Estado são moldados por um contexto histórico e social, o que os torna interdiscursivos (Pêcheux, 1995).

Em concordância com Pêcheux (1995), Dell'isola (1994) argumenta que a interpretação de um texto é uma experiência pessoal e individual, moldada pelas condições sociais,

culturais, históricas, afetivas e ideológicas do leitor. Portanto, essa interpretação é variável, uma vez que o texto (neste caso, a imagem) frequentemente apresenta lacunas que convidam o leitor a preenchê-las de acordo com sua própria perspectiva e experiência pessoal.

Para este estudo foram selecionados os primeiros três livros infantis indígenas em destaque em uma plataforma de vendas, foram eles: Tulu, de Donaldo Buchweitz; Contos da floresta, de Yaguarê Yamã e Luana Geige; e, Kabá Darebu, de Daniel Munduruku.

Dessa maneira, as capas dos livros infantis são o ponto de partida para reflexões e constatações que, a partir da Representação Temática e da Análise de Discurso, sejam revelados saberes culturais dos povos indígenas, construídos através de suas histórias de resistência e de luta pela vida.

Leitura na infância indígena

Ao estudar as concepções indígenas de infância no Brasil, Tassinari (2007) explica que as etnografias sobre duas populações indígenas encontraram pouquíssimas descrições das dinâmicas cotidianas infantis, observou-se que nestes trabalhos as atitudes dos adultos nos cuidados relativos à gestação, ao parto e ao recém-nascido e, em seguida, tratam dos ritos de iniciação dos jovens para sua integração ao mundo adulto.

A autora destaca que os estudos sobre a infância indígena evidenciam a autonomia e independência das crianças indígenas. A afeição e a tolerância dos adultos em relação às suas ações, bem como a falta de punições físicas, são aspectos ressaltados. Nesse sentido, a liberdade e autonomia das crianças frequentemente são interpretadas como uma falta de autoridade dos pais e a inexistência de uma pedagogia nativa estruturada ou métodos sistemáticos de ensino e aprendizagem.

Tassinari (2007) pesquisou exemplos de infância indígena que evidenciaram diferentes significados. É o caso dos Guarani, aonde o reconhecimento da autonomia da criança é respeitado. A criança é vista como um ser portador de um espírito que precisa ser cativado para viver na terra.

No caso dos Kayapó, na formação da criança os processos são informais e acontecem no cotidiano da comunidade, no entanto existem certas habilidades que só podem ser ensinadas por especialistas em processos mais formais, mas são as crianças que devem tomar a iniciativa de procurá-los.

Representações temáticas e discursos ideológicos nas capas dos livros indígenas infantis

No caso dos Karipuna, pode-se observar que as crianças colaboram com os adultos ao realizar tarefas de natureza "infantil", as quais se tornam gradualmente mais complexas e exigentes à medida que amadurecem. No entanto, caso elas desejem se dedicar a outras atividades, as crianças têm a liberdade de interromper o trabalho em andamento, algo que os adultos nunca têm permissão para fazer.

Ao pesquisar as crianças Galibi-Marworno, Camila Codonho (citada por Tassinari, 2007) demonstrou que suas atividades cotidianas transcorrem em grupos formados por irmãos e primos que convivem num mesmo segmento familiar. Convivendo e interagindo, as crianças Galibi-Marworno compartilham conhecimentos, técnicas e habilidades, e é assim que os saberes são aprendidos e ensinados dentro dos pequenos grupos infantis.

A consciência de que existem poucos e recentes estudos sobre a infância indígena e a importância de nos afastarmos de nossos preconceitos e estereótipos sobre a forma como os indígenas encaram a infância, é relevante evidenciar que não podemos estabelecer um único modo indígena de compreender a infância, uma vez que se deparamos com diversas abordagens desse estágio da vida entre as populações indígenas. Como resultado, as caracterizações que serão delineadas adiante não têm a capacidade de serem aplicadas universalmente a qualquer contexto indígena, e tampouco devem ser consideradas como critérios definitivos de identidade indígena.

A pesquisadora indígena Lilian Patté dos S. Lemos, pertencente ao Povo Xokleng/Laklãnõ relata que, nos tempos antigos, os ensinamentos sobre a cultura e os costumes do povo eram transmitidos de maneira coletiva, tudo era ensinado e aprendido no modo de vida Xokleng/Laklãnõ. Eles lembram e contam que antigamente sua escola era a floresta, aprendiam quando acompanhavam seus pais na caça, na pesca, na colheita de frutas, na coleta de folhas e ervas medicinais. Os anciãos tinham voz e vez na educação de seus filhos, netos e de todos aqueles que estavam a sua volta, eles ensinavam a conviver em harmonia entre o homem, terra e a floresta e entre eles mesmos (Lemos, 2020).

Conforme Lemos (2020) descreve, no final da década de 1930, teve lugar um acontecimento marcante na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ: a introdução pioneira de uma escola de modelo ocidental. Essa iniciativa tinha diversos propósitos, incluindo o ensino da língua portuguesa para a comunidade indígena. A partir desse marco histórico, uma parcela da educação dos Xokleng/Laklãnõ, ao longo dos anos, evoluiu do ambiente familiar para instituições escolares. Por exemplo, o ensino passou a abranger a língua indígena, os cânticos,

as artes tradicionais e outras particularidades culturais próprias, inaugurando assim um novo paradigma de ensino e aprendizado para o povo indígena.

No entanto, o passar dos anos trouxe desafios e oportunidades para as crianças indígenas. A presença da tecnologia, como celulares e acesso à internet, pode tanto abrir portas para a educação e o compartilhamento de histórias culturais quanto apresentar riscos como a exposição a influências externas e a perda de tempo valioso que poderia ser gasto com atividades tradicionais.

Linguagem e leitura infantil

A linguagem, como uma expressão humana, pode ser demonstrada em diversas formas, variando de acordo com a intenção que temos ao nos comunicarmos. Por essa razão, os conceitos de linguagem verbal e não verbal desempenham um papel significativo nos estudos linguísticos.

A linguagem verbal, geralmente presente por meio de textos escritos, é responsável por transmitir informações de forma clara e objetiva, além de estimular o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças. No entanto, a linguagem não verbal, presente principalmente por meio de ilustrações e imagens, também tem um papel fundamental na construção de significados e na ampliação da imaginação das crianças.

Os livros infantis que conseguem integrar de maneira eficiente a linguagem verbal e não verbal são capazes de promover uma experiência de leitura mais rica e significativa para as crianças. A linguagem não verbal pode complementar e enriquecer o texto escrito, possibilitando diferentes interpretações e abrindo caminho para a imaginação e criatividade dos pequenos leitores.

Além disso, a linguagem não verbal pode ter uma grande relevância para crianças que ainda não desenvolveram plenamente a habilidade de leitura e escrita. Nesses casos, as ilustrações e imagens podem ser uma forma de aproximar as crianças do universo literário, possibilitando a criação de significados e ampliando a compreensão do mundo ao seu redor.

Segundo Ramos e Paiva (2014) é comum que a dimensão visual de uma obra seja interpretada e compreendida por meio da palavra. Contudo, é importante destacar que a utilização da palavra não deve empobrecer a imagem, limitando, assim, as possibilidades semânticas contidas na visualidade da obra.

Dessa forma, caso a dimensão verbal se apresente como um desafio para o leitor, mesmo diante de alguma orientação acerca dos objetivos da palavra, é possível destacar que a dimensão visual pode propiciar reflexões mais profundas e acolher múltiplas propostas de sentido. Nesse sentido, é importante mencionar que uma criança pode identificar livros sem palavras como "livros de pensar", uma vez que deduz que a imagem é mais aberta, plena e rica em sentidos do que a palavra. É preciso ressaltar que a imagem não possui a função de indicar ao leitor o que deve ser lido, mas sim de sugerir, expandindo as possibilidades interpretativas. Cabe ao leitor, portanto, traçar um percurso semântico e sintático, representacional e simbólico, a partir dos elementos visuais, de modo a compreender o que é veiculado pela obra.

Os livros infantis modernos são considerados objetos que proporcionam à criança a oportunidade de explorar taticamente, apreciar, ler e interagir diretamente com o conteúdo. Eles apresentam montagens espetaculares em 3D, dobraduras pop-up e outros recursos que são fruto da arte dos engenheiros do papel. Esses livros podem apresentar formatos tradicionais ou atípicos, como casas, castelos, sítios arqueológicos, teatros, palcos, tabuleiros de jogos, travesseiros, maletas, entre outros. Alguns desses livros da nova geração são concebidos com estratégias informativas, enquanto outros exploram a vertente literária (Ramos; Paiva, 2014).

A escolha de um livro para a leitura deve levar em consideração diversos aspectos que vão além do conteúdo textual em si. É importante observar os elementos gráficos e visuais presentes na obra, desde a capa até o miolo, em relação aos temas, gêneros, formatos, autoria, procedência da obra, tipos de apelo visual e recursos de impressão, padrões interativos e sequenciação. Esses elementos têm um papel significativo na literariedade da obra, já que são responsáveis por estabelecer relações e diálogos com o leitor, e podem influenciar na forma como o conteúdo textual é interpretado e recebido. Portanto, é fundamental valorizar o posicionamento estratégico desses elementos na obra, a fim de compreender e apreciar de forma mais completa e enriquecedora a literatura infantil.

Nesse sentido, chama-se atenção para as capas dos livros infantis, uma vez que a capa é uma das partes mais importantes de um livro, pois é o primeiro contato visual que o leitor tem com a obra. Através da capa, o livro pode transmitir informações importantes, como o título, o autor, o gênero e o tema. Além disso, a capa também pode utilizar recursos gráficos e visuais para chamar a atenção do leitor, como cores vibrantes, ilustrações interessantes e

fontes criativas. A capa pode ainda sugerir o tom ou o estilo do livro, dando uma ideia ao leitor do que esperar do conteúdo. Portanto, a capa é uma ferramenta importante de marketing para o livro, que pode influenciar diretamente na decisão de compra ou na escolha do livro para a leitura.

De acordo com Vianna (2015) a capa de um livro funciona como seu cartão de apresentação, sendo o primeiro contato com o público e refletindo a qualidade da editora. As capas desempenham uma função comercial significativa, influenciando a decisão de compra com base no autor, tema e apelo visual. Elas também representam graficamente o conteúdo da obra.

Capas dos livros infantis indígenas, representações e discursos

Na produção das capas dos livros, várias partes colaboram para sua criação: escritor, ilustrador, designer e editor, que utilizam estratégias para atrair o leitor ideal. No caso da literatura infantojuvenil, as capas são direcionadas para um público duplo: crianças e adultos, como mediadores e consumidores.

Em um estudo realizado por Simm e Bonin (2011) que aborda a representação dos povos indígenas nas ilustrações de obras literárias, ficou constatado que essas ilustrações frequentemente retratam personagens indígenas como protagonistas, focando nas narrativas da vida indígena. O estudo observa que algumas ilustrações utilizam estereótipos para criar imagens facilmente reconhecíveis, muitas vezes simplificando cenas da vida indígena. As ilustrações frequentemente retratam cenários naturais, reforçando a ligação entre os indígenas e a natureza.

Nesse contexto, a preocupação surge em relação às capas de livros que apresentam conteúdo temático reforçador de estereótipos, dado que esses elementos têm o potencial de moldar comportamentos e ações durante interações sociais, especialmente quando envolvem crianças e grupos marginalizados pela maioria da sociedade, como é o caso das comunidades indígenas.

De acordo com a definição de Lima e Pereira (2004), estereótipo é uma crença amplamente compartilhada pela coletividade, referente a atributos, características ou traços psicológicos, morais ou físicos, que são amplamente atribuídos a um determinado grupo humano. Essa concepção emerge através da aplicação de critérios como idade, gênero,

inteligência, moralidade, ocupação, estado civil, nível educacional, orientação política e afiliação religiosa.

Dessa forma, quando uma criança indígena é submetida a essas concepções, sua percepção social pode sofrer impactos adversos, repercutindo inclusive em processos cognitivos como memória, raciocínio, motivação e escolhas.

Diante disso, ao planejar a capa de um livro destinado a crianças indígenas, é preciso considerar que, mesmo com o surgimento dos novos mecanismos interativos de divulgação da informação, ainda existem muitos estereótipos prejudiciais e falsos sobre os povos indígenas na atualidade.

Esses estereótipos podem ser prejudiciais e limitantes, mas não podem ser reforçados na literatura indígena infantil, não podem aparecer nos roteiros, nem representados explicitamente ou implicitamente nas temáticas, nas ilustrações nas capas e nas páginas dos livros.

Metodologia

As capas. A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica interdisciplinar que visa aprofundar a compreensão das temáticas dos livros por meio da Representação Temática, enquanto também explora as nuances interpretativas por meio da Análise de Discurso, proporcionando uma visão abrangente dos resultados obtidos na pesquisa.

A representação temática é uma abordagem metodológica empregada pela ciência da informação para a indexação de imagens fotográficas, com base na dimensão expressiva da própria imagem. Para tanto, utilizaremos a grade de Análise Documentária de Imagens proposta por Nanine (2002).

Para a discussão sobre as imagens contidas nas capas dos livros, utilizaremos como base a Análise de Discurso da escola francesa proposta por Michel Pêcheux.

De acordo com Pêcheux (1988), discurso é uma prática social complexa e ideologicamente carregada. Ele argumentou que o discurso é uma forma de expressão que reflete as relações de poder, ideologias e estruturas sociais presentes em uma sociedade. Nesse seguimento, as palavras e frases só têm sentido dentro de um conjunto maior de elementos que compõem uma formação discursiva específica. Essa formação discursiva é moldada pelas ideologias dominantes e pelas estruturas sociais, determinando como o discurso é produzido e interpretado.

A linguagem possui manifestações multifacetadas, abordadas através de distintas perspectivas como a Semiótica, investigações discursivas e teorias cognitivas associadas à comunicação. Dentro deste contexto, a presente pesquisa se propõe a examinar as considerações relacionadas ao discurso imagético presente na literatura infantil indígena e manifestado nas capas desses livros.

Para seleção dos livros estudados, recorreremos a página de Amazon Livros, na internet, uma das principais empresas de comércio online global, que abrange tanto a comercialização de livros físicos quanto, em determinadas situações, livros digitais (e-Books).

A busca dos livros foi realizada no dia 28 de agosto de 2023 e usou o comando “literatura infantil indígena” no campo buscar, ordenado pelo filtro “Em destaque”.

Os livros foram selecionados seguindo os seguintes critérios: os três primeiros que surgissem na primeira página, possuísem uma classificação etária de até 12 anos, apresentassem um cenário na imagem da capa e tivessem as mais altas avaliações globais, que são as opiniões dos clientes sobre o produto, expressas por meio de avaliações por estrelas.

Dessa forma, foram selecionadas as seguintes obras literárias:

1. Tulu, de Donaldo Buchweitz, classificação de 4 a 8 anos.
2. Contos da floresta, de Yaguarê Yamã e Luana Geige, classificação de 9 a 12.
3. Kabá Darebu, de Daniel Munduruku e Maté, classificação de 4 a 8 anos. 4-8.

A informações contidas nas capas dos livros foram analisadas e descritas na grade de Análise Documentária de Imagens proposta por Nanine (2002), seguida pela discussão qualitativa dos resultados investigados.

Resultados e discussões

Figura 1: Tulu, Em Busca de um Lugar para Viver.



Fonte: (Buchweitz, 2021)

Representações temáticas e discursos ideológicos nas capas dos livros indígenas infantis

Dentre os critérios de inclusão desta pesquisa, este livro foi o primeiro a ser selecionado. Tem como autor Donaldo Buchweitz, escritor filósofo e teólogo. Nasceu em Canguçu-RS. O livro é um sucesso de vendas e motivou uma recente publicação com o mesmo personagem: Tulu no sítio do pica-pau amarelo. A indicação do livro é para crianças de 4 a 8 anos.

A ilustradora Ina Carolina é de Roraima, formada em Propaganda e Publicidade, com especialização em animação 3D. É conhecida por vários trabalhos com livros, mas também por participar em outros projetos como a série "Ridley Jones: A Guardiã do Museu", uma série infantil inglesa produzida para a Netflix. Em 2015, lançou seu quadrinho independente intitulado "Apneia", em 2016, ilustrou a história "O Cabelo da Menina", escrita por Fernanda Takai.

De acordo com a descrição do site de vendas Amazon¹:

Tulu vive entre a floresta e o lavrado. Ele é amigo dos animais, das plantas e de toda a natureza que o cerca. Mas tudo começa a mudar quando as queimadas tomam conta da mata. Nesta história, Tulu vai descobrir que não são só os animais e a floresta que estão correndo perigo. (...)

Quadro 2: Análise Documentária de Tulu

	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE	SOBRE	
Categoria	Gênero	Específico	Viver na floresta Impressão colorida estilo pintura.
Quem/O que	1.Criança 2. Papagaio	Criança indígena Papagaio amigo	
Onde	Floresta	1.Atrás das folhas 2. Em cima da árvore	
Quando	De dia	Atualmente	
Como	Observando	Curiosamente	

Fonte: Elaborado pelos autores

A capa de “Tulu” demonstra a expressão dos personagens em atitude de observação e surpresa diante do que está para acontecer. Mas ao mesmo tempo, é como se Tulu e seu Papagaio estivesse olhando para o próprio leitor. A iminente ameaça se aproxima da floresta, o fogo das queimadas.

O subtítulo “em busca de um lugar para viver” chama a atenção do leitor para o lugar onde mora “Tulu”, um território indígena que está prestes a ser abandonado à destruição, despertando a curiosidade do leitor em descobrir como aquela criança indígenas e os animais da floresta vão encontrar um novo lar.

A representação da mata com suas cores, a fauna, flora, despertam interesse da criança e a preocupação da preservação do ambiente, ao mesmo tempo em que revela os atores responsáveis pelos graves problemas que afetam os povos indígenas do Brasil. É uma atmosfera de medo e de aventura.

Mas antes de analisar a capa de um livro infantil, é importante ressaltar as afirmações de Charaudeau (2012), que explicou que o livro é uma obra coletiva, criada por várias mãos. De acordo com o autor, é através do dispositivo de encenação da linguagem, que podemos observar que, nas capas de livros, a criação envolve diversos agentes, incluindo o escritor, o ilustrador, o designer e o editor. Eles utilizam estratégias variadas com o objetivo de conquistar o leitor, que é o destinatário ideal.

Nesse contexto colaborativo, as editoras direcionam seus esforços para um público principalmente infantil, mas não apenas para ele. Como resultado desse duplo direcionamento, as capas dos livros apresentam estratégias específicas para ambos os públicos que compartilham o mesmo objeto, uma vez que além do leitor adulto-mediador, que adquire o livro para presentear uma criança, como pais ou tios, e os professores que trabalham com o livro em sala de aula, existe também um público adulto sofisticado que consome essa literatura, que é destinada a todos (Charaudeau, 2012).

A presença desses leitores aponta para diferentes condições em que o discurso é gerado, tanto na produção como na percepção, pois a posição social dos produtores, das instituições envolvidas e das intenções comunicativas, interfere a maneira pelo qual o discurso é interpretado pelo público, em consonância com sua formação ideológica.

Conforme o conceito de formação ideológica delineado por Pêcheux (1995), o discurso está intimamente relacionado a um conjunto amplo de ideias, crenças e valores partilhados por grupos sociais, moldando tanto a produção quanto a interpretação dos discursos. Essas formações ideológicas espelham as relações de poder e as estruturas de dominação presentes na sociedade.

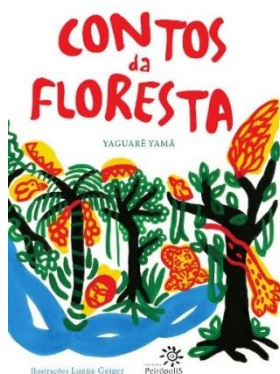
Nesse sentido, a capa de “Tulu” revela possíveis atores envolvidos na estória, assim como os seus discursos. É quando constatamos que no olhar surpreso do personagem sobre algo ameaçador que se aproxima, estão presentes tanto o fogo da queimada como o leitor do livro.

Representações temáticas e discursos ideológicos nas capas dos livros indígenas infantis

Essa pode ser uma possível interpretação visto que este livro infantil indígena foi escrito e ilustrado por não indígenas que, embora sensibilizados pelas queimadas e pela causa indigenista, posicionaram em lados opostos a mata e o fogo, a criança indígena que lança um seu olhar surpreso sobre um leitor (não indígena) provavelmente pertencente ao mesmo povo que queima as florestas.

A partir da abordagem pecheutiana, compreendemos que a linguagem (verbal ou não-verbal) não é apenas um meio de comunicação neutro, mas também um espaço onde as ideologias estão em constante operação. O sujeito, ao utilizar a linguagem, incorpora inconscientemente elementos ideológicos presentes na conjuntura social e histórica em que está imerso, influenciando assim a forma como ele se expressa e interpreta o mundo ao seu redor. Essa perspectiva ressalta a importância de se considerar a dimensão ideológica na análise dos discursos e da linguagem, uma vez que ela desempenha um papel significativo na construção do sentido e na reprodução das estruturas de poder e dominação na sociedade.

Figura 2: Contos da Floresta



Fonte: (Yamã, 2012)

Este livro tem como autor Yaguarê Yamã e como ilustradora Luana Geiger. O livro é indicado para crianças de 9 a 12 anos e tematiza os mistérios dos mitos indígenas.

Yaguarê Yamã é o nome indígena de Ozias Gloria de Oliveira, natural da região do rio Wrariá, no Amazonas. Ele é formado em geografia, professor e líder indígena do povo Maraguá, sendo também descendente do povo Sateré-mawé.

A ilustradora é Luana Geiger, formada em arquitetura pela USP, também é especialista em Mídias Interativas.

Sobre este livro o site de vendas Amazon² traz a seguinte descrição:

Neste livro o escritor Yaguarê Yamã recria mitos e lendas do povo indígena Maraguá, conhecido na região do Baixo-Amazonas como “o povo das histórias de assombração”. As três primeiras histórias são mitos sobre animais fantásticos que protegem as florestas e as três seguintes são lendas que enredam a rotina da tribo em acontecimentos mágicos, todas elas narradas em pequenos textos cheios de ritmo e suspense. As histórias estão imersas na natureza, com personagens em intensa relação com a floresta, sempre considerada em seu inesgotável mistério (...)

Quadro 3: Análise Documentária de Contos da Floresta

	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE	SOBRE	
Categoria	Gênero	Específico	Impressão colorida estilo pinceladas.
Quem/O que	Árvores, rio, onça pássaros.	Floresta sombria com aparições	
Onde	Floresta	Terra indígena	
Quando	Passado		
Como	Animais dos mitos	Como aparições	

Fonte: Elaborado pelos autores

Temos neste livro os mitos indígenas sendo explorados na forma de contos, um gênero literário que possui narrativa curta, mas com potencialidade envolver intensamente o leitor.

Ao explorar os mitos de seu povo, Yaguarê Yamã apresenta a cultura e o modo de viver Maraguá, entre os Maraguá, essas narrativas são contadas às crianças pelos malilys, ou pajés.

No que se refere à concepção de mito, é fundamental enfatizar que, para os povos indígenas, essas narrativas são consideradas como histórias genuínas. Devido à sua natureza real e à transmissão de geração em geração, os mitos perduram ao longo do tempo e possuem ensinamentos significativos. O próprio autor esclarece a distinção entre mito e lenda:

Os mitos explicam a vida e as leis da natureza, reverenciam a bravura, a verdade. São matéria de fé e traduzem valores sagrados. Os seus princípios se articulam com a religião tradicional, chamada Urutópiag (“nossa crença”). As lendas também têm caráter mágico, mas não tratam de figuras ou elementos sagrados. As narrativas, criadas há centenas de anos, revelam grande expressividade oral, e contam da rotina das tribos, dos medos, dos conflitos, muitas vezes com razoável dose de humor” (Yamã, 2012, p.56).

Constata-se que na capa de “Contos da Floresta” a imagem está repleta de ideologias, identificáveis na superfície discursiva, já que os mitos representam o próprio autor, enquanto pertencente ao povo Maraguá.

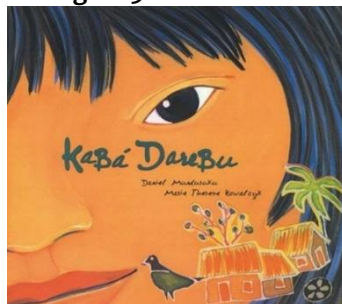
Representações temáticas e discursos ideológicos nas capas dos livros indígenas infantis

De acordo com Pêcheux (1988) o gesto de leitura e de (re)criação enquanto ato de produção de sentidos se renova e aparece tanto na posição de sujeito-leitor, quanto na posição de sujeito-autor, já que, ao significar, ambos revezam e partilham dessas posições, no ato da interpretação.

Nesse sentido, pode-se verificar que o sujeito-leitor não Maraguá (ou não indígena) pode associar os contos dos mitos indígenas com as lendas urbanas, com a ficção ou com histórias de terror, mas a questão ideológica estará sempre presente e, mesmo inconscientemente, é possível que estereótipos sejam revelados através de concepções religiosas, muitas vezes preconceituosas.

Essa possibilidade deve ser considerada, uma vez que a Ideologia funciona de maneira a nos tornar sujeitos, especialmente sujeitos do nosso próprio discurso, por meio das complexas influências das formações ideológicas. Isso molda a nossa percepção da "realidade", criando um sistema de evidências e significados que aceitamos e experimentamos em nosso dia a dia.

Figura 3: Kabá Darebu



Fonte: (Munduruku, 2002)

O autor deste livro é Daniel Munduruku, professor de pós-graduação em valores humanos na Unicapital (São Paulo) e Uniube (MG), ele escreve sobre os modos de vida e as rotinas de seu povo, oferecendo um relato detalhado tanto das atividades cotidianas, como a caça e os rituais, quanto das brincadeiras típicas praticadas pelas crianças de sua comunidade.

A capa de Kabá Darebu foi ilustrada pela francesa Marie-Thérèse Kowalczyk, mais conhecida por Maté, que também é autora de livros infantis e juvenis.

A indicação para crianças de 04 a 08 anos. A plataforma de vendas Amazon³ descreve da seguinte maneira:

Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio para ouvir os sons da natureza; nos ensinam a olhar, conversar e ouvir o que o rio tem para nos contar; nos ensinam a olhar os voos dos pássaros para ouvir notícias do céu; nos ensinam a contemplar a noite, a lua, as estrelas..."Kabá Darebu" é um menino-índio que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os Munduruku.

Quadro 3: Análise Documentária de Kabá Darebu

	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE	SOBRE	
Categoria	Gênero	Específico	Menino indígena contemplando sua aldeia, animais e paisagem. Impressão estilo lápis de coloridos
Quem/O que	Rosto, casas, árvores e pássaro	Menino indígena	
Onde	Aldeia	Aldeia Munduruku	
Quando	Presente		
Como	Rosto	Olhar observador	

Fonte: Elaborado pelos autores

Em "Kabá Darebu", o próprio nome do livro atrai a atenção: Qual seria significado? Na sequência o leitor contempla uma imagem delicada de uma criança indígena, em um olhar próximo e íntimo sobre aos elementos outros da aldeia que aparecem na capa.

Os traços dos olhos puxados e a cor da pele evoca processos identitários do povo Mundurucu, mostrando o vínculo afetivo com a terra indígena e sua comunidade.

Na interpretação da linguagem, muitas vezes, consideramos que o discurso visual pode ser convertido em palavras, como se a verdadeira essência discursiva estivesse no não-verbal, esperando ser expressa verbalmente. No entanto, o discurso visual já possui um significado intrínseco por si só, antes mesmo de ser transformado em palavras. Isso ocorre porque o discurso não-verbal é, em si, um sistema de significados.

Uma imagem por mais afetuosa que possa parecer, pode revelar sentimentos de opressão.

A luta dos povos indígenas pela preservação de seus territórios no Brasil é conhecida pelos sujeitos-autores e pelos sujeitos-leitores, o tema é veiculado na grande mídia sob vários aspectos, desde discussões no âmbito político aos inúmeros casos de violência são abordados em reportagens, entrevistas, filmes e outros.

Os povos indígenas da Amazonia, em protesto contra a construção de barragens em seus territórios, redigiram a Carta da ocupação de Belo Monte:

Nós somos a gente que vive nos rios em que vocês querem construir barragens. Nós somos Munduruku, Juruna, Kayapó, Xipaya, Kuruaya, Asurini, Parakanã, Arara, pescadores e ribeirinhos. Nós somos da Amazônia e queremos ela em pé. Nós somos brasileiros. O rio é nosso supermercado. Nossos antepassados são mais antigos que Jesus Cristo. Vocês estão apontando armas na nossa cabeça. Vocês sitiaram nossos territórios com soldados e caminhões de guerra. Vocês fazem o peixe desaparecer. Vocês roubam os ossos dos antigos que estão enterrados na nossa terra. Vocês fazem isso porque têm medo de nos ouvir. (...) (Fórum Brasileiro de Economia Solidária, 2013)

Nesse seguimento, o conflito ideológico se instala na produção da capa do livro “Kabá Darebu”, uma vez que o vínculo afetivo do personagem com a sua aldeia é exposto e reivindicado enquanto discurso.

Quanto mais a relação de poder é desproporcional, quanto mais um ambiente é autoritário, quanto mais imposições e disputas por direitos básicos negados, as ideologias se tornam mais explícitas.

Pêcheux (1988) enfatiza que a concepção de que os significados nos discursos não são estáticos ou imutáveis, mas sim passíveis de flutuações e metamorfoses. O termo "efeito de sentido" diz respeito à maneira como um discurso gera interpretações específicas, frequentemente moldadas pelas configurações discursivas e ideológicas presentes.

Portanto, a partir da capa de um livro, pode-se constatar diferentes significados nos discursos, visto que também existe relação de poder entre o contratante e os autores. As exigências das editoras por adequações ao mercado influenciam o processo criativo e as condições da produção. Mesmo assim, os processos ideológicos se manifestam linguisticamente.

Considerações principais

De acordo com o referencial teórico apresentado e as discussões oportunizadas com base nas perspectivas metodológicas e interdisciplinares da Representação Temática correlacionada com a Análise de Discurso, potencializaram as possibilidades de análise das capas dos livros infantis estudados.

Nesse sentido, constatamos que essas abordagens metodológicas ofereceram condições para construir uma relação entre as imagens das capas dos livros selecionados e os discursos ideológicos relativos aos conteúdos imagéticos produzidos.

As imagens dos personagens, florestas e aldeias presentes nas capas dos livros foram representados em traços, cores e técnicas que despertam interesse da criança, assim como o conhecimento sobre a preservação do meio ambiente e a manutenção da cultura dos povos

indígenas. Entretanto, desperta a preocupação em relação às capas de livros que apresentam conteúdo temático reforçador de estereótipos, especialmente quando envolvem crianças e grupos marginalizados pela maioria da sociedade, como é o caso dos povos indígenas.

É preciso considerar o fato de que a questão ideológica estará sempre presente, mesmo inconscientemente, por mais afetuosa que a imagem pareça.

De acordo com Pêcheux (1995), existe um momento na linguagem em que a língua e a história se entrelaçam para criar significados. Isso implica que Pêcheux não enxerga a língua como algo separado do sujeito ou algo que só pode ser expresso por ele para gerar significados através da sua interpretação, mas sim como algo essencial não apenas na construção de significados, mas também na formação do próprio sujeito.

Portanto, a partir da capa de um livro, pode-se constatar diferentes significados nos discursos, visto que também existe relação de poder entre o sujeito contratante e os sujeitos autores, entre os sujeitos autores e os sujeitos leitores e entre o sujeito criança e o sujeito adulto que adquiriu ou requisitou o livro.

A literatura infantil indígena ainda tem grandes desafios, tanto na disponibilidade desses livros nas escolas indígenas como na produção de livros específicos para as crianças indígenas, de acordo com a cultura de seus próprios povos e nas suas próprias línguas maternas.

Referências

BUCHWEITZ, Donaldo. **Tulu, em busca de um lugar para viver**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. A interação sujeito-linguagem em leitura. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, p.28-30, 1994. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=Regina+L%C3%BAcia+P%C3%A9ret+DeInsola*+A+INTERA%C3%87%C3%83O+SUJEITO+LINGUAGEM+EM+LEITURA&btnG=. Acesso em: 07 maio 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (FBES). **Cartas da luta dos povos indígenas no canteiro de Belo Monte**. Publicado em 11 de junho de 2013. Disponível em: <https://fbes.org.br/2013/06/11/cartas-da-luta-dos-povos-indigenas-no-canteiro-de-belo-monte/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LEMONS, Lilian Patté Dos Santos, et al. **As Mídias e Tecnologias na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ**: Educação Escolar Indígena e Tecnologias na Escola. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina-SC, Florianópolis, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Kabá Darebu**. Ilustrações de Marie-Thérèse Kowalczyk. São Paulo: Brinque-Book, 2002.

SIMM, Verônica; BONIN, Lara Tatiana. Imagens da vida indígena: uma análise de ilustrações em livros de literatura infantil contemporânea. **Revista Historiador**, n. 4, Ano 4, dez. 2011. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Acesso em: 07 ago. 2023.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

TASSINARI, Antonella. Concepções indígenas de infância no Brasil. **Tellus**, ano 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da Floresta**. Editora Peirópolis, 2012.

Notas

¹ AMAZON. **Tulu**. Em busca de um lugar para viver. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Tulu-Donaldo-W-Buchweitz/dp/8538091875>. Acesso em: 08 ago. 2023.

² AMAZON. **Contos da floresta**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Contos-Floresta-Yaguare-Yama/dp/8575961330>. Acesso em: 08 ago. 2023.

³ AMAZON. **Kabá Darebu**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Kab%C3%A1-Darebu-Daniel-Munduruku/dp/8574120863>. Acesso em: 08 ago. 2023.

Sobre os autores

Francinaldo Freitas Leite

Doutorando em Linguística e Literatura (UFNT) Mestre em Estudos de Cultura e Território (UFT). Graduado em Educação Física (UEPB). Graduado em Artes Visuais (UNIASSELVI).

E-mail: francinaldoedf@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-9186-436X>

Francisco Edviges Albuquerque

Doutor em Letras Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas da UFNT (LALI) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas com Povos Indígenas (NEPPI).

E-mail: fedviges@uol.com.br **ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

Andrea Martins Lameirão Mateus

Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP). Graduada em Letras (USP).
Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFNT).

E-mail: andreamateus@uft.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9376-8451>

Recebido em: 23/05/2024

Aceito para publicação em: 04/08/2025